

EQ NEWS

REVISTA CIENTÍFICA

TRENDS
DE CIENCIA
EM 2025

Foto criada por IA

ENTRE O LÁPIS E O ALGORITMO

Como estudantes, professores e a linguagem estão se reinventando na era das máquinas que escrevem



www.EQnews.com

EM TEMPOS EM QUE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NÃO APENAS CALCULA, MAS TAMBÉM ESCREVE, RESUME, TRADUZ E ATÉ SUGERE ARGUMENTOS, A PRODUÇÃO DE TEXTOS E A COMUNICAÇÃO HUMANA ATRAVESSAM UMA TRANSFORMAÇÃO SEM PRECEDENTES. ESTA EDIÇÃO DA NOSSA E-ZINE NASCE JUSTAMENTE DESSA INQUIETAÇÃO: O QUE MUDA QUANDO A ESCRITA DEIXA DE SER APENAS HUMANA?

VIVEMOS UM MOMENTO DE TRANSIÇÃO. FERRAMENTAS COMO CHATGPT, GRAMMARLY, DEEPSEEK E OUTRAS DEIXARAM DE SER CURIOSIDADES TECNOLÓGICAS PARA SE TORNAREM PARTE DO COTIDIANO ACADÊMICO E PESSOAL. ESTUDANTES UTILIZAM IA PARA ACELERAR TAREFAS, PROFESSORES ENFRENTAM DILEMAS ÉTICOS PARA AVALIAR PRODUÇÕES, E A COMUNICAÇÃO DIGITAL COMEÇA A EXIBIR TRAÇOS DE UM VOCABULÁRIO HÍBRIDO ONDE O HUMANO E O ALGORITMO SE MISTURAM.

MAS ESTE NÃO É UM EDITORIAL ALARMISTA. PELO CONTRÁRIO: QUEREMOS ABRIR ESPAÇO PARA UMA REFLEXÃO CRÍTICA, SENSÍVEL E CONSTRUTIVA. NESTA EDIÇÃO, DISCUTIMOS O PAPEL DA IA NA PRODUÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS, OS IMPACTOS NA LINGUAGEM E, ALÉM DE TRAZER ENTREVISTAS, OPINIÕES DE ALUNOS, DADOS VISUAIS E PROVOCAÇÕES SOBRE O QUE SIGNIFICA APRENDER, ENSINAR E COMUNICAR NA ERA DAS MÁQUINAS QUE ESCREVEM.

MAIS DO QUE RESPOSTAS, ESTA REVISTA OFERECE PERGUNTAS QUE VALEM SER PENSADAS COM CALMA PORQUE TALVEZ O VERDADEIRO DESAFIO NÃO SEJA EVITAR O USO DA IA, MAS APRENDER A USÁ-LA COM ÉTICA, AUTORIA E CONSCIÊNCIA. SEJA BEM-VINDO A ESSA CONVERSA.

EQUIPE EQ NEWS

Panorama Geral



A inteligência artificial (IA) já não é mais uma promessa distante: ela está presente em quase todos os aspectos da vida moderna e isso inclui, de forma profunda, o universo acadêmico e a maneira como nos comunicamos. O objetivo desta edição é refletir justamente sobre essas transformações.

A IA pode ser definida como um conjunto de tecnologias capazes de simular comportamentos humanos, como interpretar textos, traduzir idiomas, organizar ideias e até gerar conteúdo inédito. Ferramentas como ChatGPT, Grammarly, tradutores automáticos ou resumos inteligentes já fazem parte da rotina de muitos estudantes, professores e profissionais da comunicação.

Na educação, o uso da IA tem gerado debates importantes. Por um lado, ela traz ganhos em produtividade, permite o aprendizado personalizado e estimula a autonomia dos alunos. Por outro, levanta preocupações com plágios, desinformação e o esvaziamento do pensamento crítico, especialmente quando a Inteligência Artificial é utilizada como substituta e não como apoio na construção do conhecimento.

IA e Educação: uma nova gramática para o saber

Já na comunicação, a IA está moldando novos estilos de linguagem. Textos mais claros, objetivos e “neutros” se tornam comuns, mas podem perder autenticidade e subjetividade. As mensagens digitais ganham eficiência, mas muitas vezes soam impessoais, como se não tivessem um autor real. Isso afeta como nos expressamos e como nos conectamos.

Diante disso, refletir sobre o uso ético, consciente e criativo da IA se tornou essencial. Não se trata de rejeitar a tecnologia, mas de aprender a usá-la com propósito, sem abrir mão da autoria, da crítica e da linguagem viva que nos torna humanos.

Entrevista com docente

Para aprofundar nossa discussão sobre os impactos da Inteligência Artificial na educação e na comunicação, elaboramos algumas perguntas e convidamos um docente da UFSCar para compartilhar sua visão sobre o tema. A entrevista aborda desde o uso da IA em tarefas acadêmicas até os dilemas da originalidade e autoria no ambiente universitário.



O estudante-repórter Arthur Paranaíba que acompanhou a entrevista com o professor sobre o uso da IA no meio acadêmico.

1. Sobre o uso da IA no meio acadêmico

Você acredita que a Inteligência Artificial pode ser uma aliada no processo de ensino e aprendizagem? Por quê?

"Sim, desde que usada com moderação. A IA pode ser uma excelente aliada, especialmente para tarefas repetitivas, levantamento bibliográfico, organização de ideias e revisão gramatical. Ela reduz barreiras que antes impediam muitos alunos de se expressar academicamente com clareza. Mas é importante lembrar que ela não pensa pelo aluno. Mesmo que ela oferece sugestões de informações e ideias, quem deve pensar é o estudante."

2. Na sua visão, a IA contribui para a autonomia ou para a dependência do estudante?

"Depende de como é usada. Um estudante que aprende a usar a IA como ferramenta de apoio se torna mais preparado, sim. Mas quem usa de forma abusiva, apenas para resolver tudo mais rápido, fica dependente e pior: deixa de desenvolver habilidades fundamentais como escrita e argumentação."

3. Sobre a produção de textos acadêmicos

Como o senhor percebe o impacto da IA na qualidade dos trabalhos entregues pelos alunos?

"Os trabalhos estão mais "certinhos", mas menos originais. Vejo uma melhora formal, mas muitas vezes o texto perde personalidade. Isso é um sinal claro de que a IA foi usada sem reflexão crítica. Prefiro um texto com erros, mas que revele o aluno, do que um texto perfeito e vazio."

4. O senhor já suspeitou que algum trabalho foi feito ou fortemente editado por IA?

Como lidou com isso?

"Sim, já aconteceu. Normalmente percebo pela cara artificial do texto, falta de conexão entre partes ou ausência de erros naturais. Às vezes pergunto sobre o processo de produção. Há vezes em que é só excesso de revisão automática. Outras vezes, o próprio aluno admite que usou da IA."

IMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS ONDE OS DOCENTES E DISCENTES FORAM USADOS NA PESQUISA



5. Sobre a resposta institucional, você acredita que será necessário repensar os métodos de avaliação por causa da IA?

"Sem dúvida. Avaliar apenas por texto escrito não é mais suficiente. Precisamos incorporar avaliações orais, entre outros tipos de avaliação, participação ativa, portfólios e reflexões pessoais. A IA nos obriga a focar menos no produto e mais na autoria."

6. Sobre comunicação e linguagem, na sua opinião, o uso de IA afeta a capacidade dos alunos de se expressarem de forma original e autêntica?

"Sim, pode afetar, especialmente se o estudante passa a confiar demais na forma "bonita" do que a IA escreve. Além de que muitos estudantes nem revisam o texto criado pela IA e acreditam cegamente nela."

7. Olhando para o futuro Como o senhor imagina o papel do professor nos próximos 5 a 10 anos, considerando o uso crescente dessas tecnologias?

"O professor deixará de ser apenas transmissor de conteúdo para também se tornar mediador do processo de pensamento. Vai ensinar os alunos a pensar com as máquinas. E também vai ter que se reinventar: ser mais mentor do que fiscal."

8. Se pudesse dar um conselho aos alunos que estão começando a usar IA nos estudos, qual seria?

"Não deixe que a IA roube seu pensamento. Use como apoio, mas nunca como atalho. Aprender é mais do que produzir um bom texto, é construir repertório, fazer escolhas, errar e reescrever. A IA pode ajudar, mas o pensamento ainda tem que ser seu."

A entrevista nos mostra que a presença da Inteligência Artificial na educação não é mais uma possibilidade futura, e sim uma realidade presente, que desafia professores, alunos e instituições a se adaptarem com responsabilidade. Mais do que rejeitar ou aceitar cegamente essas novas ferramentas, o caminho está no uso consciente, crítico e ético. O papel do professor se transforma, deixando de ser apenas transmissor de conteúdo para se tornar mediador do pensamento. O aluno, por sua vez, precisa aprender a usar a IA como apoio e não como substituto do próprio raciocínio. Seja nos métodos de avaliação, na forma de ensinar ou na relação com a linguagem, a tecnologia exige que repensem velhos modelos. E, como reforçou o docente: pensar continua sendo tarefa humana.

Opinião dos Alunos

O que os alunos pensam sobre o uso de IA na faculdade

Com a popularização de ferramentas como ChatGPT, Grammarly e tradutores automáticos, muitos estudantes universitários começaram a integrar a inteligência artificial ao seu dia a dia acadêmico. Mas como isso está sendo vivido dentro da sala de aula? Conversamos com alunos dos primeiros semestres do curso de Engenharia Química, e aqui estão algumas das opiniões que mais se repetiram:

1. Como e por que usamos IA?

"Uso bastante pra fazer resumos de textos longos ou quando tô com pressa e preciso entender o conteúdo mais rápido. Também já usei pra revisar redações e melhorar frases em trabalhos."

"Quando tenho que escrever algum relatório e não sei por onde começar, às vezes peço uma ideia inicial. Mas nunca deixo o texto final ser totalmente da IA."

2. Aprendo mais ou menos com IA?

"Acho que aprendo diferente. A IA não estuda por mim, mas facilita muito o processo. Se eu uso com consciência, ela até me ajuda a entender melhor o conteúdo."

"Já me salvou em algumas matérias, mas percebo que, às vezes, fico com preguiça de pensar por conta própria. Tento equilibrar."

3. Há dúvidas ou medos?

"Já fiquei com medo de entregarem um trabalho meu e acharem que foi plágio só porque usei IA pra revisar. A gente nunca sabe direito qual o limite."

"Uma vez pedi pra IA me explicar um conceito de química e ela respondeu tudo errado. Tive que confirmar com o professor depois."

4. O que esperamos da universidade

"Não adianta proibir. Tinha que ter uma disciplina explicando como usar IA do jeito certo, com ética e responsabilidade."

"A IA vai fazer parte da nossa rotina pra sempre. Melhor aprender a usar direito agora do que errar por falta de orientação."

Os depoimentos mostram que a IA já faz parte da rotina acadêmica, mesmo que ainda cercada de dúvidas, aprendizados e expectativas. O mais importante, no entanto, é perceber que os estudantes não querem apenas respostas prontas querem entender, participar e se sentir preparados.

Cabe às instituições oferecer o suporte necessário para que o uso da IA seja consciente, ético e produtivo.

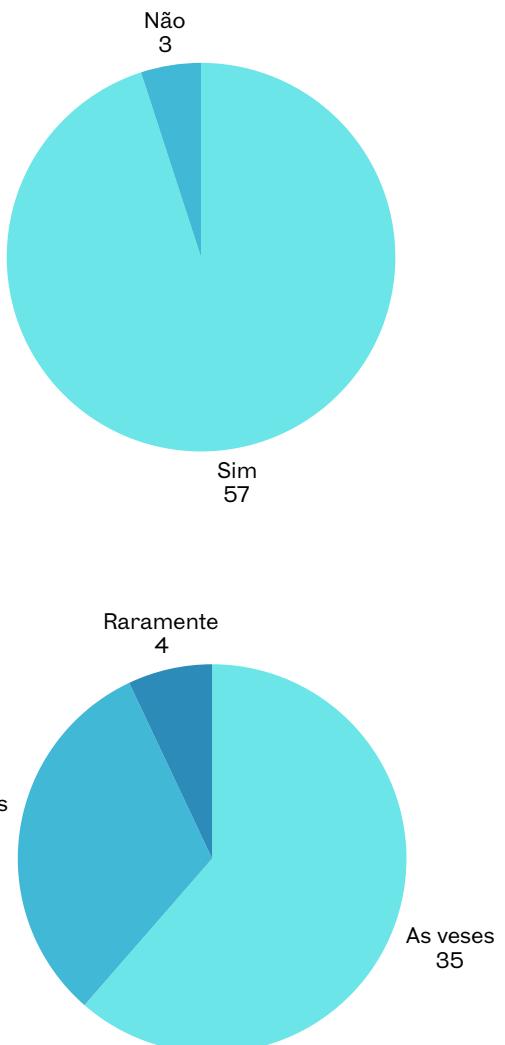


Infográfico

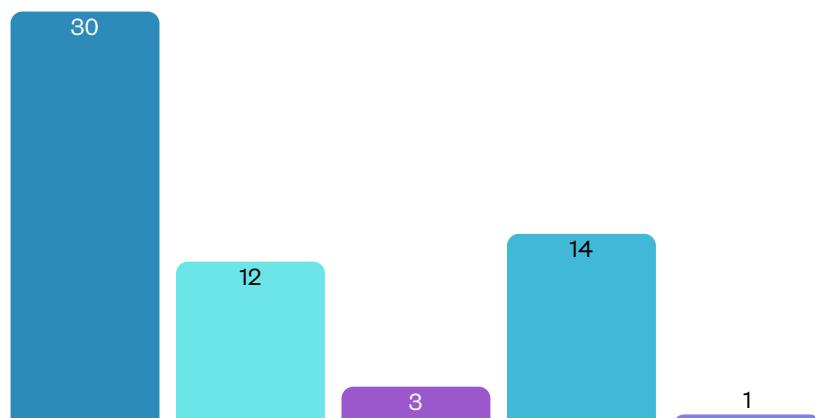
No infográfico, foi aplicado um formulário com três perguntas simples para 60 estudantes da universidade pública, de maneira a entender como a Inteligência Artificial está sendo aplicada no ambiente universitário. O objetivo era levantar dados rápidos e reais sobre a frequência, os usos e a percepção geral dessas ferramentas.

As perguntas aplicadas foram:

- 1) Você já usou alguma ferramenta de IA?**
 - Sim
 - Não
- 2) Com que frequência você usa IA?**
 - Quase todos os dias
 - As vezes
 - Raramente
- 3) Para que finalidade você costuma usar IA?**
 - Escrever ou revisar textos acadêmicos
 - Pesquisar temas e conceitos
 - Traduzir ou corrigir gramática
 - Criar resumos ou esquemas
 - Outros



Os resultados a seguir mostram como o uso da IA já faz parte da rotina de muitos alunos e induzem à reflexão sobre seu papel no futuro da educação.



- Escrever ou revisar textos acadêmicos (30)
- Pesquisar temas e conceitos (12)
- Traduzir ou corrigir gramática (3)
- Criar resumos ou esquemas (14)
- Outros (1)

Ética e Políticas

Foto criada por IA



Ética em Foco: Os Dilemas Que Envolvem a IA

Com o avanço das IAs generativas, surgem dilemas éticos que exigem atenção urgente. Ferramentas que auxiliam na escrita e comunicação também carregam riscos: reforço de preconceitos, apagamento da autoria humana e decisões automatizadas com impactos reais.

Discussões recorrentes

Viés Algorítmico:

Pesquisadores alertam: mesmo sem dados explícitos, sistemas de IA usados em crédito ou seleção de candidatos podem perpetuar desigualdades sociais e raciais. Falta transparência e controle sobre como esses algoritmos operam e quem sofre as consequências são, geralmente, os mais vulneráveis.

IA Geral e o problema da responsabilidade

À medida que avançamos rumo à chamada Inteligência Artificial Geral (AGI), sistemas com capacidade de raciocínio mais ampla e autônoma surgem preocupações maiores com segurança, previsibilidade e controle. Se um sistema age de forma adversa ou imprevisível, quem deve ser responsabilizado? Os engenheiros? As empresas que o comercializam? Ou os usuários que o operam? A definição clara de responsabilidades se torna cada vez mais urgente.

Máquinas com Direitos?

E se a IA um dia adquirir consciência ou sensações? Bostrom e Yudkowsky levantam uma hipótese incômoda: máquinas conscientes poderiam ter status moral — ou seja, direitos semelhantes aos dos seres humanos. A frase provocativa que circula entre especialistas resume bem essa inquietação: “Mesmo que criemos uma consciência artificial, as pessoas ainda debaterão por 100 anos... devemos errar pelo lado da empatia e compaixão.” A discussão, embora pareça distante, nos força a pensar com responsabilidade ética desde já.



Foto criada por IA



Foto criada por IA

Prompt Engineering

A Resposta Não Depende Da Máquina Depende da Pergunta

No tópico “Prompt Engineering”, a arte e a técnica que definem se uma conversa com a máquina será genial ou decepcionante.

Imagine ter em mãos um oráculo capaz de responder quase tudo mas que depende inteiramente de como você faz a pergunta.

É exatamente isso que acontece com modelos de inteligência artificial como o ChatGPT. Eles não são clarividentes: são ferramentas poderosas que precisam de instruções claras, específicas e criativas.

Essa é a essência do Prompt Engineering: formular comandos, perguntas ou descrições tão bem pensados que guiam a IA a gerar respostas mais ricas, úteis e até inovadoras.

Por que isso importa?

Dominar a formulação de prompts é essencial para obter respostas mais precisas e relevantes da IA. Comandos mal elaborados frequentemente resultam em respostas superficiais, refletindo falhas humanas, não tecnológicas. Como afirmam especialistas: “Perguntar bem é programar sem programar.” O verdadeiro diferencial está na forma como se pergunta e essa habilidade está ao alcance de todos.

● Prompt refinado:

“Crie um relatório estruturado, de até 2.000 palavras, analisando os impactos positivos e negativos da inteligência artificial na produtividade de equipes de vendas, considerando automação de tarefas, análise preditiva e personalização do atendimento ao cliente. Use dados recentes e apresente exemplos práticos.”

Nesse prompt, você deixa claro:

- O tema central (IA na produtividade de vendas).
- Os tópicos a abordar (automação, previsão, personalização).
- O formato e extensão (relatório de até 2.000 palavras).
- O nível de profundidade (dados e exemplos).

● Prompt ruim:

“Fale sobre inteligência artificial nas empresas.”

Esse prompt é vago e genérico. O modelo de IA pode trazer uma resposta superficial, cheia de informações soltas, sem foco no setor de vendas ou na produtividade — exatamente o que você não quer entregar para a empresa.



Influencia da IA NA ACADEMIA

O fim dos trabalhos de faculdade como conhecemos?

Durante décadas, escrever bem era praticamente sinônimo de sucesso acadêmico. Artigos, redações, resenhas, monografias a escrita sempre ocupou o centro da avaliação no ensino superior. Mas com a ascensão da IA generativa, como o ChatGPT, esse modelo começou a ser questionado. Afinal, até que ponto o texto entregue reflete, de fato, o pensamento do autor? Será que estamos testemunhando o fim da escrita como principal forma de demonstrar conhecimento?

A escrita acadêmica não está morrendo, mas passando por uma transformação profunda. Com o avanço das inteligências artificiais, especialmente as que geram textos, torna-se inevitável repensar como avaliamos o aprendizado. Não se trata mais de cobrar apenas um produto final, mas de valorizar o processo: o raciocínio por trás das ideias, o esforço de organização e a intenção do autor. Integrar a IA de forma ética e transparente pode enriquecer o percurso de aprendizagem, desde que o estudante permaneça ativo, crítico e consciente no uso dessas ferramentas.

Nesse novo cenário, o papel da universidade também precisa evoluir. Mais do que formar bons escritores, é preciso formar mentes capazes de analisar, argumentar e pensar com autonomia. A tecnologia pode auxiliar, mas o pensamento continua sendo responsabilidade humana. Se encararmos essa transição com coragem e criatividade, teremos a chance de construir uma educação mais alinhada com os tempos atuais em que saber usar a linguagem, inclusive a mediada por IA, é tão importante quanto saber escrevê-la do zero.

Em resumo a escrita acadêmica não está morrendo. Está se reinventando. O desafio não é resistir à IA, mas redesenhar a relação entre linguagem, pensamento e avaliação. Se encararmos essa transição com coragem e criatividade, talvez descubramos algo valioso: que o verdadeiro papel do ensino superior não é formar bons redatores mas formar pensadores conscientes.



Como a IA está transformando nossa forma de nos comunicar

Imagine receber uma mensagem do seu chefe às 8h da manhã. O texto é direto, claro, impecável na gramática — sem vírgulas fora do lugar, sem emojis, sem hesitação. Tudo milimetricamente polido. E então você percebe: foi escrito por uma inteligência artificial.

Cenas como essa estão se tornando cada vez mais comuns. Hoje, não só conversamos com algoritmos, mas também por meio deles. A IA não apenas escreve por nós, como influencia o tom, o estilo e até a intenção da mensagem. Será que estamos nos tornando mais eficientes? Ou apenas mais genéricos?

Ferramentas como ChatGPT, Grammarly, Jasper e até os corretores automáticos do celular prometem algo tentador: escrever melhor, mais rápido, com clareza e elegância. Mas essa eficiência tem um custo.

Muitas vezes, o resultado é um texto que:

- Serve para qualquer um;
- Parece educado, mas sem personalidade;
- É tão correto que chega a ser frio.

Afinal, escrever bem não é só evitar erros de português. Comunicar-se envolve subjetividade, sotaques, humor, hesitações e vícios de linguagem — justamente aquilo que torna a linguagem humana.

Barreiras e inspirações

IA no cotidiano:

invisível, mas presente

A presença da IA em nossa comunicação diária é mais profunda do que parece. Ela está nas sugestões automáticas do Gmail e WhatsApp. Nas legendas geradas em vídeos do TikTok e YouTube. Nos chatbots que imitam empatia em atendimentos. Nos tradutores simultâneos que "reconstroem" nossa fala em outros idiomas.

Essas ferramentas moldam uma nova forma de se comunicar: mais rápida, mais clara, mas por vezes menos profunda. Há um padrão emergente de comunicação eficiente, mas filtrado. E isso transforma a forma como pensamos, sentimos e nos conectamos.

IA como ferramenta de inclusão

Nem tudo são alertas. A IA também democratiza a comunicação como nunca antes:

- Pessoas com deficiência visual usam leitores com IA para acessar textos longos;
- Pessoas surdas contam com traduções automáticas para Libras e avatares que interpretam falas;
- Quem tem dislexia pode escrever com auxílio de ferramentas preditivas e de leitura facilitada;
- Traduções simultâneas rompem barreiras linguísticas em tempo real.

Esses avanços tornam possível que mais vozes sejam ouvidas — inclusive as que antes eram silenciadas por limitações técnicas ou sociais.

E o futuro da linguagem humana? Essas transformações trazem questões importantes:
Como preservar a autenticidade em meio à automação?
Como usar a IA para enriquecer, e não empobrecer, a linguagem?
Será que a nova alfabetização do século XXI é aprender a dialogar com máquinas sem deixar de lado nossa humanidade?
A resposta pode estar no equilíbrio. A IA pode ser uma aliada desde que não substitua nossa voz. Podemos (e devemos) aprender a usar essas ferramentas com intenção, propósito e criticidade. Ser eficientes, sim. Mas também subjetivos, criativos e contraditórios como só nos sabemos ser.

A inteligência artificial está mudando como falamos, com quem falamos e para que falamos. A decisão agora é nossa: seremos apenas usuários de uma linguagem automatizada, ou autores conscientes de uma nova forma de expressão?





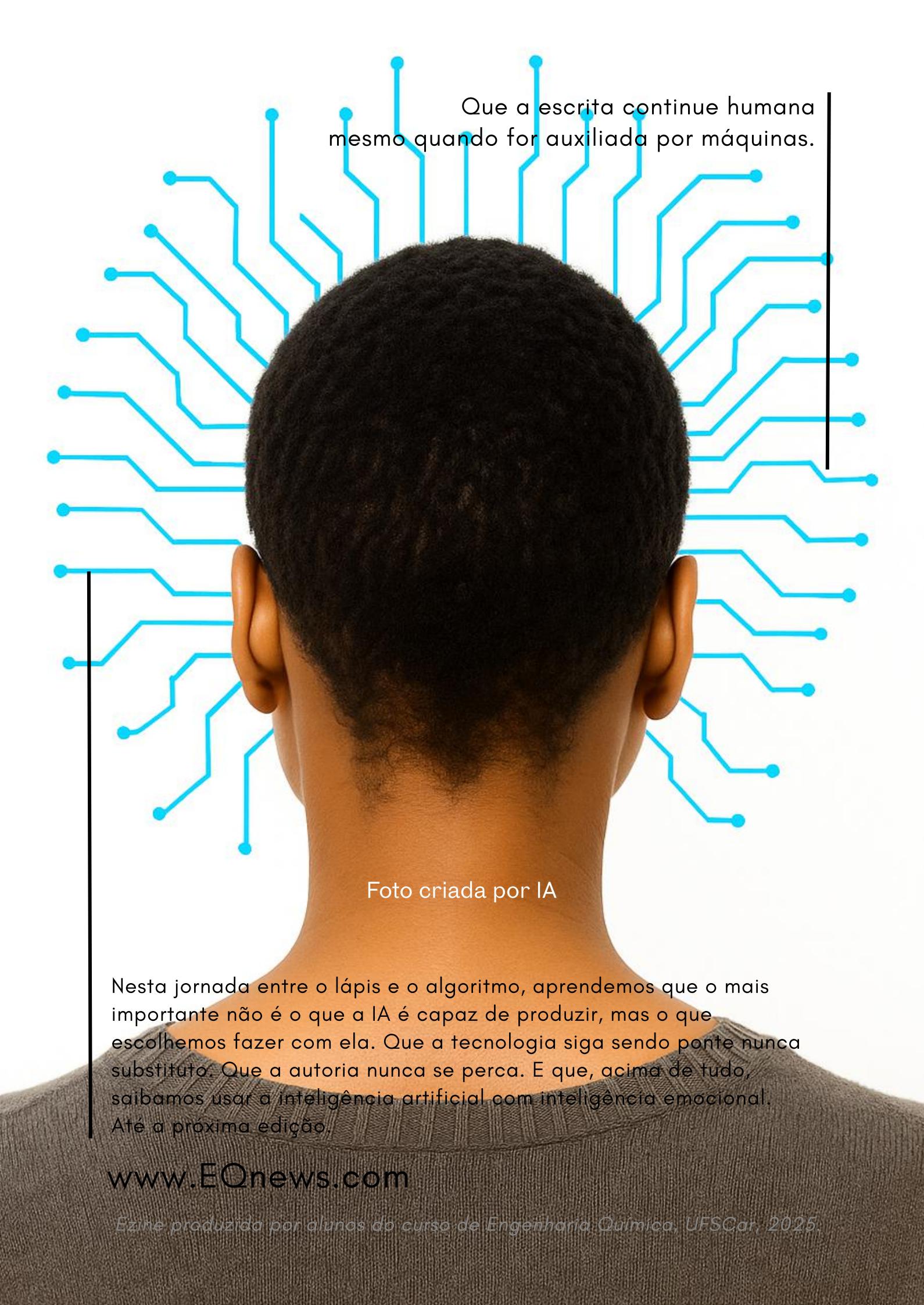
Foto criada por IA

Reflexões para um futuro ainda humano

A inteligência artificial nos ajuda a escrever mais rápido, responder com mais clareza, buscar com mais precisão. Mas em meio a tanta eficiência, é fácil esquecer de pensar por conta própria. Antes de encerrar essa leitura, convidamos você a fazer uma pausa e refletir.

1. Estou realmente aprendendo ou apenas terceirizando meu raciocínio?
2. Se a IA escreve por mim, o que ainda posso chamar de "meu"?
3. Qual o limite entre ajuda e fraude no uso da inteligência artificial?
4. Como manter minha autenticidade em um mundo de respostas padronizadas?
5. Se todos usarem IA, o que me tornará único no meio acadêmico ou profissional?

A tecnologia continuará avançando disso não temos dúvidas. Mas o que faremos com ela, como a usaremos, o que escolheremos manter como essencialmente humano isso depende de cada um de nós. Que esta revista tenha provocado mais do que respostas. Que ela tenha despertado perguntas, inquietações e possibilidades. Obrigado por nos acompanhar até aqui. E lembre-se: a inteligência pode ser artificial, mas a consciência precisa ser sua.



Que a escrita continue humana
mesmo quando for auxiliada por máquinas.

Foto criada por IA

Nesta jornada entre o lápis e o algoritmo, aprendemos que o mais importante não é o que a IA é capaz de produzir, mas o que escolhemos fazer com ela. Que a tecnologia siga sendo ponte nunca substituto. Que a autoria nunca se perca. E que, acima de tudo, saibamos usar a inteligência artificial com inteligência emocional. Até a próxima edição.

www.EQnews.com

Ezine produzida por alunos do curso de Engenharia Química, UFSCar, 2025.